

A LITERATURA MÍSTICA MEDIEVAL DE AUTORIA FEMININA E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DAS MULHERES

Yasmin de Andrade Alves¹

RESUMO

A relação entre História e Literatura mostra-se complexa no que diz respeito ao protagonismo das mulheres na maioria dos contextos de produção. Partindo disto, o presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma dão-se a importância e a influência da literatura mística medieval de autoria feminina, mais especificamente durante a Baixa Idade Média, na construção da História das Mulheres. Sendo sujeitos sociais, as mulheres compartilham pontos em comum acerca de suas experiências, tendo a palavra como instrumento principal de propagação do discurso subversivo frente ao sistema patriarcal imposto nos séculos de difusão da palavra escrita. Desta forma, compreende-se que, apesar de comporem discursos distintos, a Literatura e a História consideram as experiências dos sujeitos em relação ao seu contexto, servindo como ponto de partida para o entendimento e a modificação das realidades sociais. No caso das mulheres, defende-se que a autoria sempre foi um privilégio do patriarcado, o qual persiste com a cooperação das mulheres por meio da doutrinação e de sua negação sobre a própria história, afetando negativamente na formação da consciência feminista e, conseqüentemente, na concretização das narrativas que carregam realidades comuns aos grupos femininos e tornando sua escrita completamente subversiva. Sendo assim, parte-se da crítica feminista, por Schmidt (2017), Rovere (2019), Gilbert e Gubar (2017); da História das Mulheres, por Bolton (1983), Perrot e Duby (1990), Power (1979), Brochado e Deplagne (2018) e Lerner (1993; 2019); e da mística feminina, por Newman (1995), Garí e Cirlot (2008), Nogueira (2018) e Régnier-Bohler (1990).

Palavras-chave: História das mulheres, Mística feminina, Literatura medieval.

INTRODUÇÃO

Discutir a Idade Média no âmbito literário é, além de outros fatores, reconhecer a imensidão de discursos que cerceiam os registros escritos consideravelmente imersos em uma cultura fundamentalmente teológica, fator este que nos leva a compreensões por vezes restritas acerca dos indivíduos medievais que produziram literatura. Dentre estes indivíduos, encontramos as mulheres em posição desprivilegiada em relação às figuras masculinas – que ocupam espaços de poder em sua esmagadora maioria – e, com isso, acentuando a visão de uma Idade Média misógina, segregacionista e improdutiva intelectualmente, sobretudo do ponto de vista das mulheres.

¹ Mestranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Graduada em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, yasminandradealves99@gmail.com.

Apesar destas concepções que formam os mitos acerca do período medieval, que não se constituem como novidades nas discussões de âmbito acadêmico, percebemos protagonismos femininos, mesmo que pontualmente, cada vez mais perceptíveis a partir do final da Alta Idade Média, a exemplo da escritora alemã Rosvita de Gandersheim com sua literatura cristã de cunho pedagógico, até os movimentados anos da Baixa Idade Média, como as místicas do século XIII que serão mencionadas ao longo deste trabalho. A respeito do protagonismo em foco nesta pesquisa, podemos afirmar que ele diz respeito, sobretudo, ao registro escrito e à autoria feminina, principalmente pela necessidade de atribuir às mulheres o poder da palavra escrita num período no qual a maioria da população não era alfabetizada e o conhecimento da língua latina era restrito a alguns dos homens livres, em especial àqueles vinculados à Igreja Católica.

Mas, afinal, sobre quais características e condições o protagonismo feminino na literatura medieval é fundamentado? Considerando que a opinião expressa numa época é articulada às pessoas e às classes que exercem o poder sobre determinado contexto, podemos afirmar que, segundo Power (1979, p. 14), “no início da Idade Média, o que aparecia como opinião contemporânea surgia de duas fontes: a Igreja e a aristocracia”². Portanto, partimos mais detalhadamente da concepção de que “as ideias sobre a mulher se formaram, de uma parte, por clérigos [...]”, ao passo que, “por outro lado, por uma pequena classe que obtinha meios econômicos para poder considerar suas mulheres como um enfeite, enquanto as subordinavam estritamente ao primeiro objeto de seu interesse: a terra”³ (POWER, 1979, p. 14).

Nesse jogo de poderes no qual a mulher torna-se acessório, evidencia-se o largo processo de exclusão das mulheres do acesso à educação, fator que está semelhantemente relacionado à ausência de figuras femininas na história literária medieval – a nível de autoria, não de representações⁴ – e ao antifeminismo agressivo no discurso teológico e contradições com o Evangelho. Segundo Delumeau (1989, p. 320), a ideologia medieval e o mito acerca da figura feminina com ausência de conhecimento giram em torno da afirmativa de que “a

² “En la temprana Edad Media, lo que aparecía como opinión contemporánea surgía de dos fuentes: la Iglesia y la aristocracia”.

³ “[...] las ideas sobre la mujer se formaron, de una parte, por los clérigos [...] y, de otra, por una pequeña casta que tenía medios económicos para poder considerar a sus mujeres como un objeto de adorno, en tanto que las subordinaban estrictamente al primer objeto de su interés: la tierra”.

⁴ De acordo com Régnier-Bohler (1990, p. 518), “quando os textos pretendem pôr em cena uma palavra de mulher, esta palavra – tal como uma pele, ela é a da relação com o outro – é muitas vezes avaliada por seu poder maléfico. Eva inaugurava para as suas filhas, para a arborescência das gerações futuras, uma relação dificultosa no uso da língua. A primeira palavra, o diálogo à volta da maçã, instaura com efeito o futuro de uma humanidade que, tendo perdido o Paraíso, avança para os tempos de uma História”.

mulher é um ser predestinado ao mal. Assim, jamais tomaremos precauções suficientes contra ela. Se não a ocupamos com sãs tarefas, em que não pensará ela?”. Portanto, é imprescindível destacar que “o elemento que definia sua posição não era sua personalidade, mas seu sexo, e por sexo ela era inferior ao homem”⁵, mesmo com a veneração incansável à imagem da Virgem Maria, exemplo inatingível para as mulheres e usado para controle comportamental (POWER, 1979, p. 14).

Apesar do limitado acesso das mulheres à educação, durante toda a Idade Média muitas mulheres nobres e da realeza “fundaram e adotaram conventos, nos quais as filhas da nobreza e algumas da pobreza [...] recebiam educação em religião, Latim, leitura, escrita, aritmética simples e canto” (LERNER, 1993, p. 26). Além disso, havia “certos conventos especializados em produção de bordados finos, outros em transcrever e iluminar manuscritos”. Portanto, considera-se que “algumas freiras eram treinadas nestas habilidades especiais, outras em medicina e cirurgia” (LERNER, 1993, p. 26)⁶. Dessa forma, percebe-se um protagonismo das mulheres dentro do próprio ambiente produtor da opressão e da limitação dos discursos, dos usos da palavra: a religião. Tem-se o âmbito religioso como o mais opressivo para as mulheres, mas, ao mesmo tempo (e quase de forma contraditória), o mais suscetível às reivindicações por parte delas.

Sendo assim, “sabe-se o que significa a palavra, o que ela implica de compromissos sociais, de consensos, de rituais, nas práticas comunitárias e nas relações com o sagrado” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 518). É necessário atribuir às mulheres medievais a relação ativa com a palavra e, partindo de seus escritos, considerá-las elementos que passam a transgredir os limites do âmbito religioso. Apesar dessas limitações impostas por uma ideologia patriarcal⁷, encontramos a persistência da produção literária feminina através de quatro perspectivas principais, sendo elas: a) o desenvolvimento de uma linguagem especificamente feminina que se dirige ao Divino e do simbolismo; b) a reconceitualização do Divino como masculino e feminino; c) intervenções diretas das mulheres nas questões de redenção e salvação; e d) o florescimento de uma crítica feminista muitas vezes erudita dos

⁵ “El elemento que definía su posición no era su personalidad sino su sexo, y por sexo ella era inferior al hombre”.

⁶ “All through the Middle Ages, royal and noble women founded and endowed convents, in which the daughters of the nobility and some of the poor, at times boys and girls together, received education in religion, Latin, Reading, writing, simple arithmetic and chants. All girls received domestic training and instruction in needlework, spinning and weaving. Certain nunneries specialized in the production of fine embroidery, others in transcribing and illuminating manuscripts. Some nuns were trained in these highly specialized skills, others were in medicine and surgery”.

⁷ Para um estudo mais aprofundado da ideologia patriarcal e da formação da consciência feminista na Idade Média, ver *The Creation of Feminist Consciousness*, de Gerda Lerner (1993).

textos Bíblicos nos escritos de autoria feminina (LERNER, 1993, p. 88). Será necessário, assim, compreender o meio no qual a guerra santa contra a “aliada do diabo” começou: “o das ordens mendicantes preocupadas com a cristianização e inquietas com a decadência do corpo eclesial” (DELUMEAU, 1989, p. 323). Portanto, a mulher é “transgressora pela palavra, [...] perigosa também pela palavra carismática e profética que detém, a de uma nova relação com o sagrado que a partir do século XIII as mulheres vão reivindicar” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 519).

O PROTAGONISMO DAS MULHERES MEDIEVAIS: ESCRITOS SUBVERSIVOS

Na ordem da produção literária feminina durante a Idade Média, dois problemas principais são encontrados: primeiramente, a problemática da quantidade de autoras, sobretudo pela dificuldade de publicação de cópias durante o período medieval e da questão da acessibilidade aos estudos; segundo, sob quais princípios consistem a produção das mulheres, tendo em vista a omissão de muitas delas e a dificuldade quanto à atribuição de autoria. Nesse contexto, pode-se considerar que a escrita feminina carrega consigo marcas de um grupo que está à margem dos espaços de poder, uma considerável minoria social que busca romper o silenciamento dominante⁸. No âmbito da Filosofia medieval, por exemplo,

[...] vemos que a “participação feminina” [...] começa a ser mais ativa, não só através da figura de uma Heloísa, que tinha uma educação incomum para as mulheres da sua época, mas também por todo um movimento, que estamos chamando de “feminino”, oriundo, sobretudo, das Ordens Terceiras e das beguinhas, por volta da metade do século XIII. (NOGUEIRA, 2013, p. 155)

Esses movimentos de mulheres inserido numa tradição de protagonismos na Idade Média trazem à tona informações relevantes, porém não completamente precisas, da participação feminina e da imagem da mulher medieval construída ao longo dos séculos. Posto que toda informação referente ao medievo provém do escrito, é necessário romper mais fortemente com o pensamento de que “[...] praticamente nada subsiste da escrita feminina. Resignemo-nos: nada aparece do feminino a não ser por intermédio do olhar dos homens” (DUBY, 2013, p. 11). Este ponto de vista desconsidera os escritos de mulheres que assumiram suas obras, tais como Marguerite Porete, Hildegard von Bingen, Christine de

⁸ Christine de Pizan, por exemplo, faz comentário crítico sobre a Gênese em seu livro *A Cidade das Damas*: “[...] God created the soul and placed wholly similar souls, equally good and noble, in the feminine and masculine bodies. [...] Woman was made by the Supreme Craftsman. In what place was she created? In the Terrestrial Paradise. From what substance? Was it vile matter? No, it was the noblest substance which had ever been created: it was from the body of man from which God made woman”. (PIZAN, 1982, p. 22-23, *apud* LERNER, 1993, p. 144)

Pizan, Mechthilde von Magdeburg, entre muitas outras, pois, mesmo sendo minoria, as obras das mulheres permanecem com sua autoria demarcada (apesar de muitos esforços para tal) e constituem uma grande fonte de pesquisa para a reconstrução do imaginário da mulher medieval, mesmo que este seja um processo ainda em desenvolvimento.

Nesse sentido, a mística feminina apresenta-se como um caminho mais amplo e concreto para a análise da escrita feminina, sobretudo no que diz respeito ao rompimento de barreiras ideológicas e de relações de poder. Dessa forma, inicialmente, o termo “mística”, derivado do grego *mýô*, carrega consigo o sentido de fechar-se para o mundo, voltar-se para o interior, num processo de recolhimento espiritual e despojamento de tudo aquilo que pode vir a ser um empecilho na sua busca pela união com Deus. Neste caminho, as mulheres

[...] que fazem parte da vertente mística que se desenvolve na Idade Média, sobretudo a partir do século XII, insistem em dizer o indizível, só sendo tal discurso possível na medida em que transgridem a linguagem ordinária. Quer isto significar que dizer o indizível implica transformar o ordinário em extraordinário e assim a linguagem deve ser superada no mesmo sentido em que a experiência mística pode ser interpretada como a superação do humano. (NOGUEIRA, 2013, p. 158)

Dizer o indizível implica, na perspectiva da literatura, não apenas expressar o que se sente ou expor um caminho possível direcionando-se a uma audiência, mas, principalmente, construir textos que trazem à tona tanto as vivências do sujeito feminino inserido no contexto da sociedade medieval como, também, mecanismos da linguagem que favorecem reivindicações e críticas sociais que partem desse ponto de vista.

O uso da língua vernácula, a preferência pela *vita apostolica*⁹, as influências da poesia cortesã, a Inquisição (sobretudo no combate da heresia), o surgimento da burguesia e o modo de vida urbano constituem aspectos fundamentais para o protagonismo das mulheres na literatura, em especial a mística. É impossível falar de literatura de autoria feminina na Idade Média sem falar sobre seu contexto, principalmente os aspectos religiosos e políticos que circundam a vida do indivíduo medieval, imerso numa sociedade fundamentalmente religiosa. Sendo assim, e partindo do contexto histórico da Europa medieval do Ocidente, o momento nos apresenta uma grande instabilidade política e religiosa proveniente de conflitos feudais e

⁹ Segundo Bernard McGinn (2017, p. 21), “nos inícios da Idade Média, os monges tradicionalmente identificaram seu modo de vida como a *vita apostolica*. Baseando sua argumentação na descrição dos primeiros cristãos de Jerusalém, no quarto capítulo dos Atos dos Apóstolos, afirmavam que o modelo de uma comunidade estável de oração e posse comunitária dos bens era um exemplo dado a todas as épocas posteriores pela Igreja Católica. No século XII, essa visão começou a ser contestada, primeiro nos debates entre monges e clérigos sobre o direito dos monges de pregar, e depois pelos defensores da reforma canônica, que insistiam que pregar e evangelizar o mundo não eram meramente admissíveis, mas eram centrais para um modo *realmente* apostólico de viver. Essa passagem da centralização numa comunidade voltada para dentro de um encontro com o mundo voltado para fora foi da maior importância para a espiritualidade e mística posteriores”.

complicações acerca de detenção de poder entre a Igreja e o Rei. A Igreja, que goza dos privilégios e de riquezas que estão distantes das realidades dos fiéis e dos valores da espiritualidade cristã propagada em períodos anteriores, não se apresenta, nesse ponto, como uma referência ou um modelo de instituição. Ao mesmo tempo, “o feudalismo, que já havia começado a proporcionar uma nova aparência à Europa, fortalece sua independência do Reinado e da Igreja”¹⁰ (SALÉ, 2013, p. 09). Dessa forma, os senhores feudais passam a constituir seus próprios exércitos, e a exaltação do senhorio e da cavalaria passa a originar novos mitos, tais como o do Rei Arthur ou a Busca do Graal (SALÉ, 2013, p. 09).

Dessa maneira, é importante frisar que o período também corresponde ao florescimento da poesia erótica e religiosa, além de grandes nomes dos romances de cavalaria, como o trágico romance de Tristão e Isolda e a Canção de Roland. É, de fato, um momento de “renascimento”, com formação de universidades, o triunfo da escolástica e a sensação de liberdade fortemente presente na formação das ordens místicas e dos grupos de pregações itinerantes. Nesse caminho, encontramos mais enfatizada a presença tanto da *figura* da mulher como do protagonismo da mesma enquanto *sujeito* social. Segundo Salé (2013, p. 09),

no sul da França, a influência da cultura árabe da Espanha faz-se sentir na poesia lírica cortês. Cantada ou contada por trovadores, a poesia cortês glorifica a busca do “Fin Amour” como o objetivo de todo cavaleiro. A dignidade espiritual e o valor religioso da mulher são exaltados e sacralizados. A mulher, o amor por ela e o amor espiritual que ela desperta ganham escala e uma importância capital. Por outro lado, a devoção à Virgem – que domina a mesma época – santifica indiretamente a mulher. A “Mulher” simboliza o intelecto transcendente, a Sabedoria. O amor por uma mulher desperta o adepto da letargia na qual caiu o mundo cristão. Um século depois, Dante coloca Béatrice acima dos anjos e dos santos. É um dos exemplos mais gritantes da divinização da mulher.¹¹

Sendo assim, é de extrema importância reconhecer a relação entre as mudanças sociais da sociedade feudal e seus reflexos na literatura medieval de autoria feminina. Sob a perspectiva das mulheres, e considerando sua grande participação nos movimentos considerados hereges, a tradição do amor cortês exerceu influência não apenas na linguagem

¹⁰ “Parallèlement, le féodalisme, qui avait déjà commencé à donner un nouveau visage à l’Europe, renforce son indépendance vis-à-vis de l’Empire et de l’Église”.

¹¹ “Dans le sud de la France, l’influence de la culture arabe d’Espagne se fait sentir dans la poésie lyrique courtoise. Chantée ou racontée par les troubadours, la poésie courtoise glorifie la recherche de “Fin Amour” comme quête de tout chevalier. La dignité spirituelle et la valeur religieuse de la Femme sont exaltées et sacralisées. La Femme, l’amour pour la Femme et l’amour spirituel qu’elle éveille, prennent une ampleur et une importance capitale. D’autre part, la dévotion pour la Vierge – qui domine la même époque – sanctifie indirectement la femme. La “Femme” symbolise l’intellect transcendant, la Sagesse. L’Amour pour une femme réveille l’adepte de la léthargie dans laquelle le monde chrétien est tombé. Un siècle plus tard, Dante place Béatrice au-dessus des anges et des saints. C’est un des exemples les plus éclatants de la divinisation de la femme”.

utilizada para se referir ao Bem Amado (Deus) nos textos místicos, certamente bastante transgressora, mas também na forma de vivenciar essas experiências com o divino. Bernard McGinn, ao tratar a respeito das oportunidades dadas às mulheres no século XIII, reafirma a relação entre os acontecimentos sociais e a literatura mística das mulheres:

Certamente, um acesso maior das mulheres à educação e à alfabetização, mormente as mulheres das classes média e alta, foi um fato necessário por detrás do surgimento de escritos de mulheres e sobre elas. Ainda mais significativo foi o papel que as mulheres assumiram nas novas formas de *vita apostolica* [...]. O resultado foi que as oportunidades religiosas abertas às mulheres aumentaram muitos na primeira metade do século XIII. Isso é verdade não só no caso das novas ordens femininas que seguiam regras aprovadas pela autoridade eclesiástica, como as premonstratenses, cistercienses, cartuxas, franciscanas e dominicanas, mas também para as muitas variedades de *mulieres religiosae*, termo coletivo usado pelos contemporâneos para designar as formas menos estruturadas de vida devota para mulheres. (MCGINN, 2017, p. 236)

O autor acrescenta, ainda, que

os preconceitos misóginos da sociedade e da Igreja medievais não impediram algumas mulheres, pelo menos, de obter posições de relativo poder no cristianismo medieval, como podemos ver em casos como os de abadessas de mosteiros e das nobres patronas de casas religiosas. Mas essas funções eram cuidadosamente circunscritas. Embora incluíssem a possibilidade de alguma mulher ser apontada como modelo de santidade, essas apresentações tradicionalmente tinham de aderir a modelos prescritos. (MCGINN, 2017, p. 237)

Dessa forma, e considerando todas essas influências acerca das mulheres enquanto sujeitos e enquanto imagens, parte-se para o desenvolvimento da linguagem especificamente feminina para dirigir-se ao divino, tendo como base o Amor Cortês, e a reconceitualização de Deus enquanto amante, objeto de desejo, lugar anteriormente ocupado pelas mulheres e tendo como protagonista da ação a voz masculina. É, assim, nos testemunhos literários das mulheres que encontraremos a diferença clamada por elas, sobretudo face aos clérigos que as interrogam.

DA LÍRICA CORTESÃ DOS TROVADORES AOS ESCRITOS MÍSTICOS

O século XII traz consigo a ascensão da lírica cortesã dos trovadores. Girando em torno da ideia de *fine amour*, ou seja, o amor perfeito e acabado, os trovadores e as *trobairitz* popularizam o ideal de Amor Cortês, tornando-o tradição que permeia os espaços literários para muito além do período medieval. Podemos afirmar que

o que se chamou “ideologia cortesã” ou “modelo cortesão” permaneceu firmemente até o século XV, através da repetição de esquemas narrativos, de uma retórica amorosa rica em metáforas e de uma sensível reavaliação da tradição,

simultaneamente, na poesia do século XV e no romance. (LEGOFF; SCHMITT, 2017, p. 56)

Esse aspecto comprova a forte influência do Amor Cortês na formação do imaginário medieval e, conseqüentemente, na das imagens das mulheres medievais. Ainda segundo LeGoff e Schmitt (2017, p. 56), para compreender o(s) sentido(s) do que seria a poética cortesã, é necessário distinguir a ideia de *cortesia*¹² e o sentido do *fine amour*. Este ponto parece-nos especialmente interessante nesta pesquisa, pois é a partir dele que percebemos a cadeia de sentidos na qual a lírica cortesã se perpetua, incluindo a mística das mulheres.

A fim de sistematizar a relação existente entre a tradição cortês e a mística feminina (que posteriormente se classificará como *mystique courtoise*), podemos identificar que o Amor Cortês inclui: a) uma dama casada, objeto de desejo do poeta; b) a súplica amorosa; c) um eu-lírico cavaleiro que está a serviço da dama como o vassalo a serviço do senhor feudal (vassalagem amorosa); e d) virtudes guerreiras que compõem as características do “fino amante”. Inicialmente, para relacionar as características dessa tradição com a literatura mística de autoria feminina (sobretudo por esta ser utilizada por mulheres a fim de transgredir valores e ideologias do período medieval) é necessário definir se o Amor Cortês se configura, ou não, como uma promoção da mulher. LeGoff e Schmitt sintetizam este aspecto, ao afirmarem que

sem dúvida, a mulher aparece em posição dominante, o amante é realmente um vassalo que empenha sua fé como um homem completamente fiel. Estão presentes todos os elementos de uma sonhada coesão social, e o contrato vassálico libera os mecanismos do discurso amoroso, mas ele aparece aqui como um jogo a serviço das relações entre o feminino e o masculino. Ora ‘os homens eram na verdade os donos desse jogo’ (G. Duby). As relações entre literatura e sociedade são então questionadas. [...] Sob a construção simbólica de uma posição de superioridade da mulher, concebida por poetas encarregados de alimentar sonhos, o amor cortês surge como objeto cultural. [...] Nas práticas matrimoniais da aristocracia feudal, o casamento era objeto de negociações que pouco consideravam as inclinações do coração. [...] Pode-se ver o amor cortês [...] como um código de comportamento regulador do que poderia tornar-se descomedimento sexual. A esposa do senhor, a Senhora, torna-se educadora. (LEGOFF; SCHMITT, 2017, p. 64)

A importância da posição da mulher na tradição cortês deve ser questionada e avaliada, pois é através da linguagem dessa lírica que irão formar-se os textos vernáculos tão importantes para este estudo. O amor, essência da mística cristã, relaciona-se ao conhecimento de um plano superior, expresso principalmente por uma profunda experiência do amor divino através de uma linguagem de êxtase, ou, em alguns casos, da utilização de

¹² Segundo LeGoff e Schmitt (2017, p. 56-57), “a ‘cortesia’ é o ideal do comportamento aristocrático, uma arte de viver que implica polidez, refinamento de costumes, elegância, e ainda, além dessas qualidades puramente sociais, o sentido da honra cavaleirosa. É no contexto desse comportamento ideal que pôde se instalar o *fine amour*, relação amorosa que, ao cabo de numerosas etapas, estabeleceu uma arte de amar”.

imagens herdadas da lírica cortesã, tais como *Bem Amado*, *Esposo* e a *Dama*. Se nas cantigas dos trovadores nós nos deparamos com um eu-lírico masculino que clama por sua amada, ou até mesmo um eu-lírico feminino que canta por seu amigo (apesar de partir de um homem poeta), na mística feminina teremos uma Alma, essencialmente feminina, que ocupa um lugar ativo na narrativa e transforma a figura masculina (Deus) no objeto de desejo. É, portanto, um movimento de emancipação, sobretudo pela posição que ocupa a figura feminina dentro de textos que utilizam uma tradição masculina, que é a da lírica cortesã¹³. Desta maneira, a mística das mulheres inicia seu primeiro passo para um caráter totalmente transgressor: assume-se uma tradição dita por homens para homens, tornando-a instrumento de união com o divino (*unio mystica*) através da linguagem, num processo de reconceitualização do Divino.

A fim de exemplificar esse fenômeno, devemos considerar o contexto e as vidas de algumas dessas autoras, pois na Idade Média esse contexto define, muitas vezes, o destino de suas obras, os possíveis motivos pelos quais elas são consideradas transgressoras e como ocorre esse processo. Algumas escritoras, tais como Marguerite Porete e Hadewijch d'Anvers, fizeram parte do movimento de beguinhas. O movimento beguino constituiu-se como grupos de mulheres religiosas (*mulieres religiosae*) que viviam e atuavam de maneira independente da Igreja Católica, configurando-se como mais um grupo religioso itinerante. As beguinhas pregavam e vivenciavam a *vita apostolica* e os primeiros registros de sua existência surgem a partir do século XIII¹⁴. Uma das características fundamentais desse movimento é a forte presença feminina, apesar da existência dos poucos *béghards*. Essas mulheres se expandem “sobretudo nos centros de produção têxtil e de grande comércio do Reno, e nomeadamente na Flandres e no Brabante” (OPITZ, 1990, p. 442)¹⁵. É válido, ainda, destacar que, segundo Schwartz (2005, p. 22), ao longo do século XIII os conventos femininos de grupos mendicantes influentes na época (cistercienses, dominicanos e franciscanos) estavam superlotados e “apenas em circunstâncias especiais era possível para as comunidades

¹³ Além desses aspectos, é necessário trazer à tona a forte influência, na mística feminina, da mística nupcial do cisterciense Bernard de Clairvaux (1090-1153), materializada em seu *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*, no qual ele elabora a simbolização erótica da experiência com o divino vivenciada pela alma.

¹⁴ Um importante registro a ser considerado é o testemunho de Geoffroi de Beaulieu, confessor de Luís IX, sobre uma beguinaria fundada em 1266 na cidade de Paris: “ali residiam [...] quatrocentas *honestae mulieres* (mulheres honestas), ou *pouvres beguines* (pobres beguinhas), por vezes de origem pobre, beneficiando-se de múltiplas caridades públicas e privadas, mas também ganhando elas próprias sua vida à custa de diversos trabalhos efetuados tanto no exterior como no interior da beguinaria”. (ALMEIDA, 2011, p. 130)

¹⁵ Segundo Opitz (1990, p. 423), “o número das comunidades femininas que levavam uma vida semi-religiosa era ainda mais elevado. Só a cidade de Colônia possuía, em meados do século XIV, 169 conventos de beguinhas com cerca de 1170 residentes; em Estrasburgo havia na mesma época cerca de 600 beguinhas: pensa-se que nesta cidade a proporção de mulheres que levavam uma vida religiosa poderia atingir os 10% da população feminina total”.

religiosas femininas ganhar o reconhecimento como convento autônomo [...]”. Portanto, apesar do Concílio de Latrão de 1215, liderado por Inocêncio III, ter proibido o surgimento de novas ordens a fim de combater a heresia, em 1216 o papa Honório III abriu exceção para as beguinhas se agruparem em comunidades religiosas independentes (*les béguinages*). O cenário não permanece pacífico, mudando com o passar dos anos, principalmente com a Santa Inquisição, que causou a morte, inclusive, da beguina Marguerite Porete em 1310.

Por seu estilo de vida prático e associado à liberdade da alma, as beguinhas que publicaram seus escritos defendiam a união com Deus *sem intermediários*; estes se configurando como práticas contrárias às ideias fundamentalistas difundidas pela Igreja. Encontramos, portanto, a necessidade do estabelecimento de formas diferenciadas de viver a espiritualidade, associadas ao amor imensurável por Deus¹⁶. Inseridas nessa necessidade, as beguinhas recorrem a recursos culturais do período; o amor cortesão, que nasce sobre uma base popular, influencia, assim, a literatura mística, justificando-se pela paixão religiosa e pelas manifestações de veneração pelas quais se entregam os amantes (ALVES, 2019, p. 22-23). O amor, tradicionalmente utilizado como *motivo* da busca pelo alcance do objeto de desejo (a mulher), localiza-se agora num plano elevado de conhecimento da mística, constituindo-se como *caminho* para chegar ao plano divino. Neste ponto, podemos afirmar que a proximidade entre a literatura cortês e a mística das beguinhas é essencial para o estudo da literatura destas mulheres medievais. Esta proximidade materializa-se no termo *Minnemystik*, utilizado especificamente para se referir à categoria da mística das beguinhas.

Porém, quem é – ou o que é – *Minne*? De caráter multiforme, *minne* tem profundas conexões com a tradição da *caritas* monástica, mas também “deve ser vista em relação com a literatura cortesã que floresceu na Europa ocidental na Idade Média alta e tardia” (MCGINN, 2017, p. 258). Do ponto de vista de Barbara Newman (1953, p. 137-139), o que distinguiria a *mystique courtoise* seria o modo de combinar a mística proveniente do Cântico dos Cânticos com os temas do *fine amour* da literatura cortesã, que assumem, muitas vezes, um protagonista masculino e um objeto de desejo feminino. McGinn (2017, p. 258) afirma, a partir disto, que

¹⁶ Apesar de aderirem a práticas relacionadas à espiritualidade, não podemos considerar o movimento beguino como defensor de uma religião, muito menos como um movimento filosófico: “a mística volta-se para a esfera do sentimento, da subjetividade, sendo assistemática e singular devido ao seu caráter empírico pessoal, e permanece na ordem do indizível, numa crença obscura. A filosofia, por sua vez, é a compreensão, pautada na esfera da inteligência, da racionalidade, característica por sua objetividade na ordem de um discurso lógico, universal e sistemático”. (ALVES, 2019, p. 37)

a observação de Newman sobre a importância da voz masculina adotada por algumas mulheres místicas em contraste com a linguagem tradicional de troca de gênero usada por homens místicos (que muitas vezes assumem o papel feminino como “alma-esposa”) mostra como a identidade de gênero foi muitas vezes maleável na história do discurso místico cristão. [...] essas inversões de gênero eram fundamentalmente destinadas não tanto a refletir preocupação com a identidade de gênero, mas “para enfatizar o fato de que a relação com Deus era como nada que eles [os místicos] tinham jamais experimentado”.

Sendo assim, a atribuição de nomes femininos (a exemplo de *minne*) a Deus e a troca de gêneros presente nos escritos das beguinhas indica uma consciência divina além dessa distinção e uma nova forma de utilizar os recursos da tradição cortês. É necessário acrescentar, além disso, que *minne* surge da necessidade de atribuir às características do Amor Cortês um caráter divino e direcionado às almas que tomam esse percurso, esse caminho. Dessa forma, tem-se que

minne funciona não diferentemente do termo *esse* [ser] na escolástica da época, embora com um significado decididamente mais pessoal e existencial. Isso quer dizer (metafisicamente falando) que *minne* deve ser predicado de Deus, mas também significa a realidade fundamental de força pela qual todas as coisas participam em Deus e pela qual voltam a ele. Mas conforme usado pelas mulheres místicas, *minne* é muito mais que um termo fenomenológico do que metafísico, e portanto tem uma gama ricamente variada de significados que brotam do paradoxo do amor experimentado como ao mesmo tempo anseio e satisfação.¹⁷

Diante dessas explicações, podemos concluir que o as obras de autoria feminina estabelecem uma relação com o Amor Cortês de forma nítida; nesta, a relação entre o Bem-Amado/Longe-Perto e a alma que o deseja é fortemente associada ao amor divino. Entretanto, apesar dessas semelhanças em termos de linguagem e imagens alegóricas, encontramos poucos sinais da cavalaria, propriamente dita, como elemento constitutivo de seus escritos – ou seja, não encontramos um cavaleiro e uma dama, por exemplo, mas elementos que podem ser associados a essas relações e que se fundamentam e são influenciados por elas. Toma-se como empréstimo, por fim, uma linguagem compartilhada da tradição lírica cortesã, posicionando as relações amorosas em estados “nobres”.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁷ A respeito das relações filosóficas da mística, sobretudo sobre a noção de *esse*, ver *O ser e a essência*, de Étienne Gilson (2016).

Como forma de explicar a respeito das relações entre a tradição que se formou através da lírica cortesã e a escrita mística feminina, foram postas em evidência as características centrais tanto do amor cortês como da linguagem mística das mulheres, tendo como ponto de partida a noção de amor entre um cavaleiro e uma dama. Mostrou-se, portanto, que, ao mesmo tempo em que se utiliza *minne* para descrever caminho, meio e fim, faz-se o uso das formas imagéticas da lírica cortesã.

Sendo assim, podemos afirmar que as escritoras inseridas numa tradição de beguinhas místicas medievais têm por objetivo final transcenderem a si mesmas e fundir-se com Deus, ou seja, uma união *sine medio*. Considerando o protagonismo delas em relação à literatura medieval, com confirmações de autoria e utilização de línguas vernáculas, pode-se dizer que os escritos das beguinhas são estratégicos quanto à utilização do simbolismo do amor cortês, sobretudo ao se mesclarem com a expressão metafísica da união com o divino. Este aspecto se dá, como visto anteriormente, pela cultura tanto profana, encarnando o amor mundano, quanto religiosa, encarnando o amor divino – concordando com a afirmação de Schwartz (2005, p. 97), “as ‘*trobairitz* de Deus’ fundiram o discurso monástico da mística nupcial com o discurso secular dominante sobre o amor para revelar novas possibilidades para a alma em sua transformação”. É dessa forma, portanto, que a mulher, objeto desejado e posto em posição passiva no amor cortês, torna-se protagonista, mesmo que encarando as condições impostas pelo sistema religioso, constituindo-se como um desvio. “A palavra das mulheres desdobra-se no espaço do gineceu, palavra de solidariedade, de reivindicação ou de tomada de poder”, alcançando, através do acesso à universidade das línguas e da utilização de recursos imersos na cultura popular, um espaço cultural do letrado (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 523).

ABSTRACT

The relationship between History and Literature is complex with regard to the role of women in most production contexts. Based on this, the present work aims to analyze how the importance and influence of medieval mystical literature of female authorship occur, more specifically during the Low Middle Ages, in the construction of the History of Women. As social subjects, women share common points about their experiences, having the word as the main instrument for propagating the subversive discourse against the patriarchal system imposed in the centuries of dissemination of the written word. Thus, it is understood that, despite making up different discourses, Literature and History consider the experiences of subjects in relation to their context, serving as a starting point for understanding and modifying social realities. In the case of women, it is argued that authorship has always been a privilege of patriarchy, which persists with the cooperation of women through indoctrination and their denial of their own history, negatively affecting the formation of feminist consciousness and, consequently, in the realization of narratives that carry realities common to female groups and making their writing completely subversive. Thus, it starts from the feminist critique, by Schmidt (2017), Rovere (2019), Gilbert and Gubar (2017); the History of Women, by Bolton (1983), Perrot and Duby (1990), Power (1979),

Brochado and Deplagne (2018) and Lerner (1993; 2019); and the feminine mystic, by Newman (1995), Garí and Cirlot (2008), Nogueira (2018) and Régnier-Bohler (1990).

Keywords: History of women, Feminine mystique, Medieval literature.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina calada pela Inquisição:** A religiosidade no final da Idade Média, as beguinhas e Margarida Porete. São Paulo: Hagnos, 2011.

ALVES, Yasmin de Andrade. **Amor cortês e Literatura mística medieval:** transgressão e aniquilamento em O Espelho das Almas Simples, de Marguerite Porete. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2019.

DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã: III, a mulher. In.: _____. **História do medo no Ocidente:** 1300-1800, uma cidade sitiada. MACHADO, Maria Lucia (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, Georges. Introdução. In.: _____. **Damas do século XII.** NEVES, Paulo; MACHADO, Maria Lúcia. (trad.). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. Infecção na sentença: a escritora e a ansiedade de autoria. In.: BRANDÃO, Izabel. et al (org.). **Traduções da cultura:** Perspectivas críticas feministas (1970-2010). Florianópolis: EDUFAL, 2017.

KOCHER, Suzanne. Allegories of Love in Marguerite Porete's Mirror of Simple Souls. In.: BLUMENFELD-KOSINSKI, Renate (org.). **Medieval Women:** Texts and contexts. Bélgica: Brepols Publishers, 2008, v. 17.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (org.). Amor cortês. In.: _____. **Dicionário analítico do Ocidente medieval.** JÚNIOR, Hilário Franco (trad.). São Pau: Editora Unesp, 2017, v. 1.

LERNER, Gerda. **The Creation of Feminist Consciousness:** From the Middle Ages to Eighteen-seventy. New York: Oxford University Press, 1993.

MCGINN, Bernard. **O florescimento da mística:** Homens e mulheres da nova mística (1200-1350). São Paulo: Paulus, 2017.

NEWMAN, Barbara. **From Virile Woman to Woman Christ:** Studies in Medieval Religion and Literature. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1953.

NOGUEIRA, Simone Marinho. A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão. In.: **Mulier aut Femina:** Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média. Mirabilia, v. 17, n. 2, 2013, p. 153-173. [arrumar]

OPITZ, Claudia. O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In.: PERROT; DUBY (org.). **História das mulheres no Ocidente:** A Idade Média. Porto: Afrontamento, 1990, p. 353-435.

PORETE, Marguerite. **O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor.** SCHWARTZ, Sílvia (trad.). Petrópolis: Vozes, 2008.

POWER, Eileen. **Mujeres Medievales**. GRAVES, Carlos. (trad.). Madrid: Ediciones Encuentro, 1979.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Vozes Literárias, vozes místicas. In.: PERROT; DUBY (org.). **História das mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Porto: Afrontamento, 1990, p. 517-591.

ROVERE, Maxime. Prefácio. In.: _____. (org.). **Arqueofeminismo: mulheres filósofas e filósofos feministas séculos XVII-XVIII**. São Paulo: n-1 edições, 2019, p. 07-18.

SALÉ, Claudia. **La mystique féminine dans la région Rhéno-Flamande**. France: Parc d'Étude et de Réflexion La Belle Idée, 2013.

SCHWARTZ, Sílvia. **A Béguine e Al-Shaykh: Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete e Ibn' Arabi**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

SPINA, Segismundo. **Cultura Literária Medieval**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.